

Era um dos últimos dias do século.

A rapariga do sorriso rasgado foi acordada pelo ruído que as suaves gotas de chuva faziam ao bater na lona sobre a sua cabeça. Bastava-lhe fechar os olhos para poder imaginar que ainda estava na sua casa da aldeia, ao lado do rio de água fria e transparente que corria da montanha. Conseguia sentir tudo aquilo enquanto mantinha os olhos fechados. Mas assim que os abria era como se se lançasse numa realidade vazia e incompreensível. Nesse momento, a única coisa que restava do seu passado era uma série de imagens que, em sequências entrecortadas, reproduziam a longa fuga que deixara atrás de si. Deixou-se ficar deitada, imóvel, esforçando-se por acordar lentamente, sem abandonar os sonhos até estar preparada para o fazer. Os primeiros e difíceis minutos da manhã determinavam como iria ser o dia que estava a começar e parecia-lhe que o próprio momento do despertar lhe estendia uma armadilha.

Desde os últimos três meses, encontrava-se no centro de acolhimento de refugiados e tinha criado um ritual, juntando-lhe a cada dia algo novo até encontrar a forma melhor e mais segura de começar o dia sem se deixar levar pelo pânico do momento que estava a viver. O mais importante era não se levantar da desconfortável cama de campismo com a falsa esperança de que nesse dia lhe iria acontecer algo decisivo. Sabia que não lhe ia acontecer nada. Essa foi a primeira coisa, e a mais fundamental, que teve de aprender quando a conduziram à margem da escarpada praia europeia, para aí ser recebida por ameaçadores cães-polícia e pela guarda fronteiriça espanhola. «Ser fugitiva implica estar sozinha.» Este conhe-

cimento abarcava-os a todos, sem ter em conta de onde vinham ou que motivos tinham para abandonarem os países de origem e tentarem abrir caminho na Europa. Estava sozinha e fazia todos os possíveis para não pensar que essa solidão teria um fim, pois sabia que iria acompanhá-la durante um período de tempo que podia ser extremamente longo.

Estava deitada na cama, desconfortável, com os olhos fechados, deixando que os seus pensamentos despertassem a pouco e pouco. Como era a sua vida na realidade? No meio de tudo aquilo, só tinha um ponto de referência, confuso e desconcertante. Estava detida num centro de refugiados no Sul de Espanha, depois de ter tido a sorte de sobreviver quando quase todos os que iam a bordo da embarcação apodrecida que os tinha trazido de África se tinham afogado. Ainda lhe era difícil recordar todas aquelas expectativas que albergara no escuro porão. «A liberdade tinha um cheiro», pensava, «que se tornava mais intenso quando se encontrava a apenas algumas milhas marítimas de distância. A liberdade, a segurança, uma vida em que havia algo mais do que apenas medo, fome e desespero.»

Podia pensar que estava num porão cheio de sonhos, mas talvez fosse mais correto dizer que se tratava de um porão de ilusões. Todos os que haviam esperado ali, na escuridão da praia marroquina, e que haviam estado nas mãos dos avaros e desrespeitosos traficantes de pessoas de diferentes partes do mundo, tinham sido trazidos pela calada da noite para a embarcação que estava ancorada com as luzes apagadas. Os marinheiros, que só se vislumbravam como sombras, tinham-nos levado para o porão por entre um grande alvoroço, como se fossem escravos dos tempos atuais.

Mas não tinham cadeias de ferro nos pés, as grilhetas eram os seus sonhos, o seu desespero, o medo que os havia levado a romper com distintos infernos terrestres para alcançar a liberdade na Europa. Tinham estado muito perto de o conseguir, antes de o barco se afundar e de os marinheiros gregos desaparecerem nos botes salva-vidas, deixando que as pessoas que estavam apinhadas no porão se salvassem como pudessem.

«A Europa abandonou-nos ainda antes de chegarmos», pensou. «Nunca o esquecerei, aconteça o que acontecer no futuro.» Não

sabia quantos se tinham afogado, e também não queria saber. Os gritos, os pedidos de ajuda aflitos, ainda ressoavam na sua mente como algo doloroso que lhe golpeava a cabeça. Ao princípio tinha ouvido todos aqueles gritos em seu redor, enquanto estava submersa nas águas frias, mas depois, um após o outro, foram emudecendo. Quando conseguiu agarrar-se a uma rocha sentiu alegria pelo triunfo. Tinha sobrevivido, tinha conseguido. Mas, afinal, que tinha conseguido? Tinha-se esforçado por esquecer os sonhos que tivera. De qualquer dos modos, nada fora como havia imaginado.

Na fria e escura praia espanhola, a repentina luz dos holofotes tinha-a encandeado. Depois vieram os cães que começaram a cheirá-la, e os guardas com as suas armas brilhantes que a contemplaram com olhos cansados. Ela tinha sobrevivido. Mas era tudo. Depois não aconteceu mais nada. Levaram-na para um acampamento composto por barracões e tendas de campismo, chuveiros que pingavam e retretes sujas.

Do outro lado da vala, viu esse mar que a havia soltado depois de a prender. Apenas isso, nada mais, nada de tudo o que havia sonhado.

Os que estavam no campo de refugiados, todas essas pessoas com diferentes línguas e formas de vestir, e com terríveis experiências para partilhar, por vezes com o silêncio e outras vezes com a palavra, tinham uma só coisa em comum: careciam de expectativas. Muitos estavam no acampamento há já vários anos. Não havia nenhum país que quisesse acolhê-los e toda a luta deles se centrava em evitarem ser enviados de novo para os respetivos países de origem. Certa ocasião, enquanto esperava que lhe dessem uma das três doses de comida diárias, tinha conversado com um jovem do Irão, ou talvez fosse do Iraque? Nunca soube precisar de onde eram aquelas pessoas, já que todos mentiam, ocultando as verdadeiras identidades na esperança de que isso os ajudasse a obter asilo nalgum país que lhes abrisse repentinamente as portas, por motivos pouco concretos ou até caprichosos. O homem que vinha do Irão, ou talvez do Iraque, tinha dito que era como se o acampamento fosse uma cela mortal, um corredor da morte em que o relógio soava para

todos com badaladas inaudíveis. Entendeu a que se referia o homem, mas esforçou-se por evitar pensar que ele tinha razão.

Ele olhou-a com olhos tristes, o que a surpreendeu. Desde que havia deixado a meninice para trás e que se havia convertido numa mulher, todos os homens a olhavam com olhos que, de um modo ou de outro, transmitiam fome. Mas parecia que aquele homem magro não tinha reparado na beleza nem no sorriso dela. Isso assustara-a. Não conseguia suportar a ideia de pensar que os homens não se interessassem imediatamente por ela, nem pensar que a longa e desesperada fuga tinha sido em vão. Ela, como todos os que não tinham conseguido escapar através das redes metálicas e que tinham sido detidos no centro de acolhimento espanhol, continuavam a ter esperança de que a fuga terminaria um dia. Como por milagre, um dia apareceria alguém diante de cada um deles, com um papel na mão e um sorriso nos lábios, que lhes diria: Bem-vindos.

Não tardou a dar-se conta de que tinha de ter muita paciência para não enlouquecer de desespero. E a paciência só podia vir da sensação de que não acontecia nada, de que tinha conseguido desfazer-se de todas as esperanças. O suicídio era frequente no acampamento ou, pelo menos, faziam-se sérias tentativas. Não haviam aprendido a combater as suas esperanças de modo eficaz e, no fim, haviam sucumbido sob o peso que implica acreditar que todos os sonhos se vão concretizar num abrir e fechar de olhos.

Todas as manhãs, enquanto despertava lentamente, convenciam-se também de que o melhor que podia fazer era não ter nenhuma expectativa. E não dizer de que país vinha. No centro de acolhimento corriam muitos rumores sobre qual o país de origem que era, nesse preciso momento, o mais seguro para se ter maiores hipóteses de escapar com asilo político garantido. O centro de acolhimento parecia um mercado bolsista em que participavam diferentes países e onde havia diferentes possibilidades de asilo que sofriam continuamente mudanças drásticas. Nenhum investimento era fiável nem duradouro.

No início da sua estada no centro, o Bangladesh encabeçara a lista. Por algum motivo desconhecido para os refugiados, de repente a Alemanha concedia asilo a todos os que pudessem provar que

eram provenientes do Bangladesh. Durante uma série de dias intensos, frente aos pequenos gabinetes ocupados por funcionários espanhóis exaustos, formaram fila pessoas de tez negra, castanha, clara, de olhos rasgados, que repetiam com uma fé inquebrantável que haviam acabado de descobrir que eram do Bangladesh. Deste modo, pelo menos catorze chineses da província de Hunan tinham conseguido entrar na Alemanha. Vários dias depois, a Alemanha tinha «fechado o Bangladesh» — era assim que se designava a questão — e depois de três dias de espera impaciente começou a espalhar-se o rumor de que a França estava disposta a receber um certo número de curdos.

Tinha tentado averiguar de onde vinham realmente os curdos e que aspeto tinham, mas fora em vão. Contudo, juntara-se obedientemente a uma das filas e, quando chegara a sua vez de se apresentar perante o funcionário público de olhos raiados de sangue, e depois de ter lido o nome «Fernando» numa placa, dissera, esboçando o seu melhor sorriso, que procurava asilo em França por ser de origem curda. Fernando fez um gesto de negação com a mão.

— De que cor é a tua pele? — perguntou-lhe.

Ela pressentiu imediatamente o perigo. Mas tinha de responder. O funcionário espanhol não gostava de pessoas que se recusavam a dizer alguma coisa. Dissessem o que dissessem, ainda que fosse mentira, qualquer coisa era melhor do que ficar em silêncio.

— És negra — disse Fernando, respondendo à sua própria pergunta. — E não há nenhum negro que seja curdo. Os curdos são como eu, não como tu.

— Pode haver exceções. O meu pai não era curdo. A minha mãe, sim.

Os olhos de Fernando pareciam estar cada vez mais raiados de sangue. Ela continuou a sorrir — era a sua melhor arma, sempre havia sido.

— O que é que o teu pai fazia no Curdistão?

— Negócios.

Fernando ganhou.

— O Curdistão não existe. Pelo menos, não oficialmente. É por isso que os curdos abandonam o país deles.

— Como é que podem abandonar um país que não existe?

Fernando não se sentiu capaz de lhe explicar como é que um país, apesar de não ser reconhecido, podia existir. Indicou-lhe com a mão que não estava de acordo com ela.

— Devia denunciar-te por mentires — disse.

— Não minto.

De repente, pareceu-lhe ver um brilho de interesse nos olhos de Fernando.

— Então, estás a dizer a verdade?

— Os curdos não mentem.

O brilho nos olhos de Fernando desapareceu. — Vai-te embora — disse. — É o melhor que podes fazer. Como é que te chamas?

Nesse momento, ela decidiu que iria ter um nome novo. Observou rapidamente a divisão à sua volta e viu a chávena de chá em cima da secretária de Fernando.

— Tea-Bag — respondeu.

— Tea-Bag?

— Tea-Bag.

— É um nome curdo?

— A minha mãe gostava de nomes ingleses.

— Tea-Bag é um nome?

— Tem de ser, é assim que eu me chamo.

Fernando suspirou e mandou-a embora com um fraco movimento da mão. Ela abandonou o gabinete, mantendo o sorriso até sair para o jardim e encontrar um sítio, ao lado da vala, onde pudesse estar sozinha.

A chuva continuava a bater na lona. Deixou de pensar em Fernando e na sua tentativa frustrada de criar uma identidade curda convincente. Em vez disso, esforçou-se por recordar os sonhos inquietos e violentos que havia tido durante a noite. No entanto, tudo o que restava eram sombras vagas, como ruínas de uma casa destruída, as mesmas sombras que a tinham rodeado enquanto dormia, sombras que pareciam querer sair da cabeça dela e interpretar o seu estranho espetáculo, para depois voltarem a desaparecer nos espaços profundos do seu cérebro. Havia visto o pai em

cima do telhado da casa deles, na aldeia. Este gritara insultos contra algum dos seus inimigos imaginários, ameaçara ressuscitar os mortos e matar os vivos, e ficara sentado no telhado até que, desmaiando de exaustão, caíra a rebolar lá de cima e apenas parara na areia seca, onde, desesperada, a mãe de Tea-Bag lhe suplicava entre lágrimas que voltasse ao seu estado normal e deixasse de lutar contra inimigos invisíveis.

Contudo, quando Tea-Bag acordou, já não restava nada daquilo. Apenas retivera a imagem negra do pai em cima do telhado. Dos outros sonhos não restava quase nada, só alguns odores ou a pegada de pessoas de cuja identidade não estava segura.

Tea-Bag puxou a manta suja até ao queixo. Talvez fosse ela quem estava sentada em cima do telhado, rodeada da mesma dor que encurralara o pai? Não sabia, não encontrava qualquer resposta. A chuva golpeava a lona e a luz suave que se coava através das pálpebras dos seus olhos fechados dizia-lhe que eram sete da manhã, ou talvez sete e meia. Apalpou o pulso. Era onde costumava usar o relógio que roubara ao engenheiro italiano na tarde antes de iniciar a última etapa da sua longa fuga. Mas desaparecera durante a noite que passara na embarcação oxidada, provavelmente quando lutara com todas as suas forças para sair do porão do barco. Tinha apenas memórias vagas do que acontecera realmente naquela noite em que a embarcação embatera contra um recife e depois naufragara rapidamente. Não se lembrava dos pormenores, apenas da sua luta desesperada, e da dos outros fugitivos, para sobreviverem, para não se afogarem e morrerem a apenas uns metros da linha de praia que, para eles, significava a liberdade.

Tea-Bag abriu os olhos e observou a lona da tenda de campismo. Lá fora, conseguia ouvir pessoas que tossiam ou trocavam algumas palavras que não entendia. Conseguia ouvi-las a moverem-se com lentidão, exatamente como ela fazia ao levantar-se, em movimentos que só podiam ser próprios de pessoas sem expectativas. Passos pesados, sem entusiasmo, sem um destino concreto. A princípio, contara os dias que já passara no acampamento fazendo uma fila de pequenas pedras brancas que apanhava na praia, mesmo ao lado da vala.

Mas, depois, até isso perdera o significado. Durante esse tempo, quando chegara ao acampamento, dividira a tenda de campismo com outras duas mulheres, uma do Irão e a outra do Gana. Mas não se suportavam umas às outras, não haviam sido capazes de partilhar o limitado espaço da tenda. Os refugiados eram seres solitários, o pavor que sentiam impedia-os de terem outras pessoas demasiado próximas deles, como se as mágoas e o desespero dos outros pudessem ser contagiosos e provocar-lhes infeções incuráveis.

A mulher do Irão estava grávida quando chegara ao acampamento e, de noite, chorava porque o marido desaparecera em qualquer parte durante a longa fuga de ambos. Quando começara a ter contrações, os guardas espanhóis haviam aparecido com uma maca e Tea-Bag nunca mais voltara a vê-la. A rapariga do Gana fazia parte dos impacientes, dos que não conseguiam ver uma cerca sem decidir tentar saltá-la imediatamente. Certa noite, atrevera-se a saltar a vala juntamente com alguns rapazes do Toga, que tinham chegado à Europa numa balsa feita de barris de petróleo vazios roubados de um armazém da Shell. Mas os cães e os holofotes haviam-na apanhado e nunca mais voltara à tenda de campismo. Tea-Bag supunha que agora estaria na zona do grande acampamento para onde os refugiados eram levados depois de terem tentado fugir, e onde eram submetidos a maior vigilância do que os que obedeciam e se entregavam à resignação e ao silêncio.

Tea-Bag sentou-se na cama. «A solidão», murmurou para consigo mesma, «é a minha mágoa mais profunda. Posso sair desta tenda de campismo e ficar imediatamente rodeada de pessoas, comer com elas, passear ao longo do terreno cercado e rodeado pela vala, e olhar para o mar na companhia delas, falar com elas, mas, apesar disso, estou sozinha. Todos os refugiados estamos sós, rodeados de muros de medo invisíveis. Para sobreviver tenho de deixar de ter esperança.»

Apoiou as pernas no chão da tenda e estremeceu com o frio que sentiu através das plantas dos pés. Nesse mesmo instante voltou a pensar no pai. Ele sempre pisara com força o chão da palhota ou a areia do jardim quando havia tido alguma dificuldade imprevista ou até um pensamento para o qual não estava preparado. Isso fazia parte das primeiras recordações da vida dela, a descoberta de

que as pessoas que estavam perto dela podiam expressar repentinamente coisas misteriosas e inesperadas. Depois, quando tinha seis ou sete anos, o pai explicara-lhe que uma pessoa deve procurar sempre um ponto de apoio verdadeiro quando é afetada por problemas ou sofrimentos imprevistos. Se não tivesse esquecido essa regra, nunca teria perdido o controlo de si mesma.

Agora apertava com força os pés contra a lona da tenda de campismo e convencia-se a si mesma de que nesse dia também não iria acontecer nada de decisivo. Caso acontecesse, seria de surpresa, nada de que tivesse estado à espera.

Tea-Bag continuou sentada sem se mexer durante um bocado, esperando que as forças surgissem para a animar e para conseguir aguentar mais um dia naquele acampamento cheio de pessoas que se obrigavam a negar a sua identidade e que procuravam incessantemente algo que lhes indicasse que, em algum lugar, até elas podiam ser bem-vindas. Que podia haver portas que se abrissem, às vezes apenas durante umas poucas horas, outras vezes durante alguns dias e até semanas.

Quando sentiu que tinha forças levantou-se e trocou a velha camisa de noite por uma *T-shirt* que a rapariga do Gana lhe tinha dado, e que tinha um desenho estampado e um texto publicitário do *Nescafé*. Pensou que as palavras inscritas na *T-shirt* escondiam realmente a sua identidade, que eram como o uniforme de camuflado que os militares usavam naquela terrível manhã em que apareceram por entre as cabanas da aldeia e a levaram, para sempre, para longe do pai.

Tratou de sacudir rapidamente aqueles pensamentos. Sonhava periodicamente com o pai, com a altura em que este se sentava no telhado até desmaiar de exaustão e cair ao chão. Conseguia recordar os pés dele apertados contra a terra. Mas só conseguia pensar no desaparecimento dele durante a tarde. Era nesse momento que se sentia mais forte, imediatamente antes do pôr do Sol, durante uns escassos minutos em que lhe parecia ter uma força sobre-humana. Depois tudo voltava a ruir, a pulsação abrandava e o coração esforçava-se por ocultar a batida obstinada nalgum lugar profundo que existia dentro do corpo dela.

Tea-Bag levantou a lona da tenda de campismo. Tinha parado de chover e uma neblina húmida cobria o acampamento. As longas fileiras de barracas e tendas de campismo pareciam animais sujos e amarrados. As pessoas moviam-se lentamente em direção a objetivos que só elas conheciam. Do lado de fora da área cercada, os vigilantes caminhavam empunhando as suas armas brilhantes, na companhia de cães que pareciam cheirar continuamente o mar, como se estivessem treinados para perceber que era dali que chegavam todos os perigos, sob a forma de barcos apodrecidos com porões apinhados de pessoas desesperadas, barcos estranhos construídos de um modo doméstico, barcos a remos ou até portas arrancadas que as pessoas usavam como jangadas salva-vidas.

«Estou aqui», pensou Tea-Bag. «Este é o ponto intermédio da minha vida, estou no centro do mundo. Não existe nada atrás de mim, e talvez nem sequer diante de mim. Estou aqui, nada mais. Estou aqui sem nenhuma expectativa.»

Tinha começado mais um dia. Tea-Bag dirigiu-se para um dos barracões onde estavam os chuveiros usados pelas mulheres do acampamento. Como de costume, havia uma longa fila. Depois de mais de uma hora de espera, chegou a vez dela. Fechou a porta atrás de si, despiu a roupa e meteu-se debaixo do jorro de água. Veio-lhe à memória a noite em que estivera a ponto de se afogar. «A diferença», pensou enquanto lavava o corpo negro, «a diferença é qualquer coisa que, na verdade, não consigo entender. Vivo, mas não sei porquê, e não sei o que é estar morta.» Depois de se ter secado e vestido, deu a vez à mulher que estava a seguir, uma rapariga gorda que usava um lenço preto enrolado em volta da cabeça, de forma que só se lhe viam os olhos, como dois buracos fundos. Tea-Bag interrogou-se, distraidamente, se a rapariga tiraria o lenço para tomar duche.

Continuou a caminhar por entre as filas de barracões e tendas de campismo. Quando o seu olhar se cruzava com outro, sorria. Num local aberto, sob um telheiro de chapa construído com pouco esmero, esperava-os a comida que era distribuída por uns espanhóis fortes e suados, que não paravam de falar entre si. Tea-Bag sentou-

-se numa mesa de plástico, limpou umas migalhas de pão e começou a comer. Todos os dias temia perder o apetite. Costumava pensar que era isso que a mantinha viva, o facto de ainda ser capaz de sentir fome.

Comeu lentamente, para deixar passar o tempo, pensando no relógio que tinha ficado no fundo do mar. Perguntava a si mesma se ainda funcionaria ou se teria parado no momento da sua morte, se ela se tivesse afogado como os outros. Tentava recordar o nome do engenheiro italiano a quem roubara o relógio naquela noite solitária em que se vendera para conseguir dinheiro e poder continuar a fuga. Cartini? Cavanini? Não sabia se lhe tinha dito o apelido ao apresentar-se.

Mas também não importava.

Levantou-se da mesa e dirigiu-se para junto das mulheres que mergulhavam as conchas de sopa nas panelas enormes, ao mesmo tempo que conversavam umas com as outras em voz alta. Tea-Bag deixou o prato junto do lava-loiças e desceu até perto da cerca para contemplar o mar. Uma embarcação passava nalgum sítio escondido pela bruma.

— Tea-Bag — ouviu chamar.

Voltou-se para trás. Era Fernando, que a olhava com os olhos raiados de sangue.

— Há alguém que quer falar contigo — acrescentou.

Suspeitou imediatamente de qualquer coisa.

— Quem?

Fernando encolheu os ombros.

— Alguém quer falar contigo. Quer falar com alguém, com quem quer que seja. Ou seja, quer falar contigo.

— Ninguém quer falar comigo.

Agora tinha-se posto em guarda, exibindo o sorriso rasgado para que Fernando não se aproximasse demasiado.

— Se não queres, posso perguntar a outra pessoa.

— Quem é que quer falar comigo?

Tea-Bag intuiu que estava a começar a correr perigo. Tinha esperança de que alguém lhe indicasse onde havia uma abertura na vala. Em jeito de proteção, sorriu o máximo que conseguiu.

— Quem?

— Alguém que se lembrou de escrever sobre vocês.

— Escrever o quê?

— Suponho que saiu qualquer coisa nos jornais.

— Vai escrever sobre mim?

Fernando fazia esgares.

— Se não queres, vou perguntar a outra pessoa.

Voltou-lhe as costas e afastou-se. Tea-Bag teve a sensação de que tinha de tomar uma das decisões mais importantes da sua vida: permanecer junto da cerca ou ir atrás de Fernando. Optou pela última.

— Terei muito gosto em falar com quem quiser falar comigo.

— Não terás qualquer vantagem em criticar as condições em que se vive neste acampamento.

Tea-Bag esforçou-se por perceber a que é que ele se referia. Os vigilantes espanhóis falavam sempre numa língua em que o importante estava implícito por entre as palavras.

— Que vantagem posso ter?

Fernando permaneceu imóvel, tirou um pedaço de papel do bolso das calças e leu em voz alta.

— «Consta, com grande satisfação, que as autoridades espanholas veem a nossa situação com benevolência humana.»

— O que é isso?

— É o que vais dizer. Todos os que trabalham aqui têm uma cópia. Foi escrito por alguém do Ministério do Interior. É o que todos têm de responder quando os jornalistas lhes fizerem perguntas. E tu também vais responder o mesmo. Pode trazer-te uma vantagem.

— Que vantagem?

— A tua vantagem.

— O que é que isso significa?

— Que vamos continuar a tratar-te com benevolência humana.

— O que é que quer dizer «benevolência humana»?

— Quer dizer que atingiste o teu objetivo.

— Que objetivo?

— O objetivo que impuseste a ti mesma.

Tea-Bag teve a sensação de que estava a dar voltas cegas num círculo vicioso.

— Quer dizer que posso abandonar o acampamento?
— Muito pelo contrário.
— O que é «muito pelo contrário»?
— Quer dizer que podes continuar no acampamento.
— E não foi isso que fiz até agora?
— Podem voltar a mandar-te para o teu país de origem. Seja ele qual for.

— Não tenho país de origem.
— Expulsar-te-ão de Espanha e levar-te-ão para o país onde estavas antes de cá chegares.

— Aí não irão acolher-me.
— Naturalmente que não. Voltarão a mandar-te para aqui e, depois disso, levar-te-emos outra vez para lá. Entrarás naquilo que designamos por «movimento circular».

— O que é que isso significa?
— Que te moves em círculo.
— Em volta de quê?
— De ti mesma.

Tea-Bag negou com um movimento da cabeça. Não entendia. E não havia nada que a indignasse tanto como o facto de não entender.

— Ouvi falar de um homem que jurava ter chegado da República Centro Africana — prosseguiu Fernando. — Há doze anos que vive num aeroporto em Itália. Ninguém o quer aceitar. E como ninguém lhe quer pagar o bilhete de avião, considerou-se que o mais barato é ele viver no aeroporto.

Tea-Bag indicou o papel que Fernando segurava na mão.
— Tenho de dizer isso?
— Só isto. Nada mais.
Fernando entregou-lhe o pedaço de papel.
— Está à espera no meu gabinete.
— Quem?
— O jornalista. Além disso, vem com um fotógrafo.
— Porquê?
Fernando suspirou.
— Costumam trazê-los.

No exterior do gabinete de Fernando estavam dois homens. Um era baixo, ruivo e usava uma gabardina larga. Tinha uma máquina fotográfica na mão. Ao lado dele estava um homem muito alto e extremamente magro. Tea-Bag pensou que parecia uma palmeira, tinha as costas curvadas e uma cabeleira farta e despenteada como a copa de uma palmeira. Fernando fez um gesto em direção a Tea-Bag e deixou-os a sós. Tea-Bag sorriu. O homem que parecia uma palmeira também lhe sorriu. Tinha maus dentes, pelo que pôde ver. O outro homem levantou a máquina fotográfica. A gabardina gemeu.

— Chamo-me Per — disse o homem palmeira. — Estamos a fazer uma reportagem sobre os refugiados. O título é «Pessoas sem Rosto». É sobre ti.

Havia qualquer coisa na forma como o homem falava que fez com que Tea-Bag ficasse extremamente atenta. O sorriso dela era mais brilhante do que nunca. Tinha-se ofendido a sério.

— Eu tenho uma cara.

O homem palmeira, que se chamava Per, olhou-a interrogativamente, antes de se dar conta do significado do que tinha acabado de dizer.

— Usamos a expressão de modo simbólico. Como uma imagem. «Pessoas sem Rosto». Pessoas como tu, que tentam entrar na Europa mas que não são bem-vindas.

Pela primeira vez nos dois meses em que estava no acampamento, Tea-Bag sentiu uma súbita necessidade de se defender de tudo, não só do acampamento e dos vigilantes de olhos raiados de sangue, mas também dos cães-polícia, das mulheres gordas que lhes davam a comida, dos homens que despejavam as latrinas. Queria defender-se de todos, do mesmo modo que queria defender todos os refugiados que viviam no acampamento e todos os que nunca lá tinham chegado, que se tinham afogado, que tinham fugido ou que se tinham suicidado ao atingir o cúmulo do desespero.

— Não quero falar contigo — disse Tea-Bag. — Primeiro tens de pedir-me desculpas por teres pensado que eu não tinha cara.

Depois virou-se para o homem da gabardina, que mudava constantemente de posição para lhe tirar fotografias.

— Não quero que me tires fotografias.

O homem sobressaltou-se e baixou imediatamente a máquina fotográfica, como se ela lhe tivesse batido. Nesse instante, Tea-Bag deu-se conta de que talvez tivesse escolhido um caminho que podia levá-la a um sítio errado. Os dois homens postados diante dela eram amáveis, sorriam-lhe e não tinham os olhos raiados de sangue devido ao cansaço. Rapidamente, Tea-Bag decidiu retroceder e deixá-los falar com ela sem terem de lhe pedir desculpas.

— Podem falar comigo — disse. — E podem tirar as vossas fotografias.

O homem da máquina fotográfica recomeçou imediatamente a fotografá-la. Algumas crianças que andavam pelo acampamento sem nada para fazer pararam para ver o que estava a acontecer. «Falo por eles», pensou Tea-Bag. «Não só por mim, mas também por eles.»

— Como é? — perguntou o homem que se chamava Paul ou Peter ou talvez Per.

— A que é que te referes com «é»?

— Ao facto de estar aqui.

— Sou tratada de maneira humanitária. Alegro-me com isso.

— Deve ser terrível estar neste acampamento! Há quanto tempo cá estás?

— Há uns meses. Ou mil anos.

— Como é que te chamas?

— Tea-Bag.

O homem que lhe fazia as perguntas ainda não havia dito se tinha uma porta para ela, uma porta através da qual ela pudesse sair.

— Como?

— Chamo-me Tea-Bag. Da mesma maneira que tu te chamas Paul.

— Chamo-me Per. De onde és?

«Agora tenho de ter cuidado», pensou. «Sei o que quer. Pode ter uma porta atrás dele, mas também pode ser alguém que queira mandar-me de volta para o meu país, alguém que venha a descobrir os meus segredos.»

— Estive quase a morrer afogada. Houve qualquer coisa que me bateu na cabeça. Perdi os sentidos.

— Falaste com algum médico?

Tea-Bag abanou a cabeça negativamente. Porque é que lhe perguntava todas estas coisas? Que queria? Voltou a sentir desconfiança e retrocedeu o mais que conseguiu.

— Neste acampamento espanhol recebo um tratamento humanitário.

— Não podes dizer uma coisa dessas! Não estás aqui como se estivesses numa prisão?

«Tem uma porta», pensou Tea-Bag. «Está a indagar se eu sou digna de fazer uso dela.» Teve de se conter para não se lançar nos braços dele e dar-lhe um abraço.

— De onde és?

Agora era ela quem fazia as perguntas.

— Da Suécia.

O que era aquilo? Uma cidade? Um país? Um rótulo sobre uma porta? Não sabia. Pelo acampamento, soavam incessantemente nomes de países e cidades, como irrequietos enxames de abelhas. Teria ouvido o nome «Suécia» anteriormente? Talvez, não tinha a certeza.

— Suécia?

— Escandinávia, norte da Europa. Viemos de lá. Vamos escrever uma série de artigos sobre pessoas sem rosto. Fugitivos desesperados que tentam chegar à Europa. Defendemos a tua causa. Queremos que voltes a ter uma cara.

— Já tenho cara. Se não tenho cara, o que é que ele está a fotografar? Pode viver-se sem dentes, sem boca? Não preciso de uma cara. Preciso de uma porta.

— Uma porta? Um sítio para onde ir? Onde sejas bem-vinda? Foi precisamente por isso que fizemos esta longa viagem até aqui. Para que tenhas algum sítio para onde ir.

Tea-Bag tentava compreender as palavras que lhe chegavam aos ouvidos. Alguém que defendia a causa dela? Que causa? Provavelmente, o homem alto que parecia estar o tempo todo a balouçar-se tinha atrás dele uma porta que ainda não lhe mostrara.

— Queremos que nos contes a tua história — disse-lhe. — A história toda. Tudo o que recordes dela.

— Porquê?

— Porque queremos contá-la depois.

— Quero ter uma porta. Quero sair daqui.

— É justamente sobre isso que vou escrever.

Tea-Bag pensaria depois que, na verdade, nunca havia entendido porque é que confiara no homem balouçante que lhe tinha feito todas as perguntas. Mas algo a fez acreditar que estava realmente a abrir-se uma porta para ela. Talvez se tivesse atrevido a confiar na sua intuição porque mantivera os pés bem assentes no chão, como o pai lhe havia ensinado a fazer — fora a única herança que recebera dele. Talvez tivesse sido devido ao facto de o homem que fazia as perguntas parecer realmente interessado no que ela respondia. Ou ao facto de não ter os olhos raiados de sangue e de cansaço. Fosse como fosse, havia tomado uma decisão, dissera que sim, que queria contar a sua história.

Dirigiram-se para o gabinete de Fernando, onde as sujas chávenas de chá lhe recordaram como tinha criado um novo nome para si, mas não lhes contou nada disso. Começou por aquilo que era completamente verdade, que, nalgum sítio, num país cujo nome esquecera, tivera um pai que não havia esquecido, um pai que, certa manhã, fora levado pelos militares e que nunca mais regressara. A mãe dela fora humilhada, haviam pertencido ao grupo de pessoas errado quando outro grupo de pessoas tomara o poder, e a mãe incitara-a a fugir, coisa que ela própria também fizera. Ocultou algumas partes do relato e não disse nada sobre o engenheiro italiano nem sobre como se tinha vendido a ele para conseguir dinheiro para continuar a fuga. Guardava tantos segredos quantos os que revelava. Mas deu-se conta de que o seu próprio relato a mantinha presa à história, viu que o homem que tinha posto o pequeno gravador diante dela também estava preso à história, e, quando chegou à horrenda noite no porão do barco que naufragara, começou a chorar.

Estava a falar há mais de quatro horas quando se lhe esgotaram as palavras. Fernando tinha assomado à porta de vez em quando e ela

tinha introduzido imediatamente as palavras «tratamento humanitário» na frase que estava a terminar. E pareceu-lhe que o homem que a escutava tinha entendido que lhe estava a enviar um sinal secreto.

Depois terminou a sua história.

O homem, que estava a guardar o gravador na pasta, não lhe tinha facultado nenhum caminho de saída do acampamento. E, no entanto, tinha conseguido uma porta. O nome de um país longínquo: Suécia. Havia aí pessoas realmente interessadas em ver a cara dele e em ouvir a sua história. Decidiu imediatamente que iria para ali e para nenhuma outra parte. Para a Suécia. Havia aí pessoas que tinham enviado os seus exploradores até ao sítio onde ela se encontrava.

Acompanhou-os até ao portão da cerca bem vigiada que rodeava o acampamento.

— Só te chamas Tea-Bag? — perguntou o homem. — Não tens nenhum apelido?

— Ainda não.

O homem palmeira olhou-a interrogativamente, mas sorriu. E o homem da máquina fotográfica pediu a um dos guardas que lhes tirasse uma fotografia com um de cada lado dela.

Transcorria um dos últimos dias do século.

Depois do meio-dia começou a chover outra vez. Nessa tarde, Tea-Bag sentou-se na cama e, durante um bom bocado, empurrou com força as plantas dos pés contra o frio chão da tenda de campismo. «Suécia», pensou. «É para lá que vou. É para lá que tenho de ir. É lá que está o meu objetivo.»